

Artigo

Mulheres pretas e periféricas na linha de frente: o Hip-Hop como ação contrarracional no espaço banal de São Luís-MA

 MAURICIO MOYSÉS

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) – Campinas, São Paulo, Brasil.
mmoyses@unicamp.br

Nº: 115

Ano: 2026

MOYSÉS, Mauricio. Mulheres pretas e periféricas na linha de frente: o Hip-Hop como ação contrarracional no espaço banal de São Luís-MA. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 1, n. 115, p. 115–136, 2026.
<https://doi.org/10.61636/bpg.v1i115.3896>.

Recebido em: 05 de junho de 2025
Aceito para publicação em: 24 de janeiro de 2026
Editor responsável: Igor Alencar



Mulheres pretas e periféricas na linha de frente: o Hip-Hop como ação contrarracional no espaço banal de São Luís-MA

Resumo

Este artigo analisa a Cultura Hip-Hop como fenômeno afro-diaspórico e urbano que atua como forma de resistência e produção de territorialidades periféricas, com foco nas ações do Núcleo de Mulheres Preta Anastácia, no bairro João Paulo, periferia de São Luís-MA. A pesquisa busca compreender como essa cena cultural se manifesta como instrumento de ação socioespacial, especialmente nas experiências político-culturais desenvolvidas por mulheres negras. Utilizando uma abordagem qualitativa, dialógica e interpretativa, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas, observação participante e análise de materiais audiovisuais. Os resultados apontam que o Hip-Hop, enraizado nas vivências cotidianas da periferia, constitui práticas contrarracionais e formas de reinvenção da vida urbana. Assim, a pesquisa reforça o papel transformador do Hip-Hop como movimento socioterritorial e político, capaz de repensar os projetos de cidade a partir das margens.

Palavras-chave: Territorialidades periféricas; cultura Hip-Hop; resistência urbana.

Black and peripheral women on the front line: Hip-Hop as a counter-rational action in the banal space of São Luís-MA

Abstract

This article analyzes Hip-Hop Culture as an Afro-diasporic and urban phenomenon that acts as a form of resistance and production of peripheral territories, focusing on the actions of the Anastácia Black Women's Group, in the João Paulo neighborhood, on the outskirts of São Luís-MA. The research seeks to understand how this cultural scene manifests itself as an instrument of socio-spatial action, especially in the political-cultural experiences developed by black women. Using a qualitative, dialogical and interpretative approach, semi-structured interviews, participant observation and analysis of audiovisual. The results indicate that Hip-Hop, rooted in the daily experiences of the periphery, constitutes counter-rational practices and forms of reinvention of urban life. Thus, the research reinforces the transformative role of Hip-Hop as a socio-territorial and political movement, capable of rethinking city projects from the margins.

Keywords: Peripheral territories; Hip-Hop culture; urban resistance.

Mujeres negras y periféricas en primera línea: el hip-hop como acción contrarracional en el espacio banal de São Luís-MA

Resumen

Este artículo analiza la cultura hip-hop como un fenómeno afrodiaspórico y urbano que actúa como forma de resistencia y producción de territorios periféricos, centrándose en las acciones del Centro de Mujeres Negras Anastácia en el barrio de João Paulo, en las afueras de São Luís-MA. La investigación busca comprender cómo esta escena cultural se manifiesta como un instrumento de acción socioespacial, especialmente en las experiencias político-culturales desarrolladas por mujeres negras. Mediante un enfoque cualitativo, dialógico e interpretativo, se aplicaron entrevistas semiestruturadas, observación participante y análisis de materiales audiovisuales. Los resultados indican que el hip-hop, arraigado en las experiencias cotidianas de la periferia, constituye prácticas contrarracionales y formas de reinvencción de la vida urbana. De este modo, la investigación refuerza el papel transformador del hip-hop como movimiento socioterritorial y político, capaz de repensar los proyectos de ciudad desde los márgenes.

Palabras-clave: Territorios periféricos; cultura hip-hop; resistencia urbana.

Introdução

A Cultura *Hip-Hop* surgiu no início da década de 1970 no distrito do Bronx, em Nova Iorque (EUA), como resposta direta às desigualdades sociais, ao racismo estrutural e ao abandono estatal nas periferias urbanas. Composta pelos elementos da dança (*Breakin*), da música (*Deejayin* e *Emceein*) e da arte visual (*graffiti*), essa cultura afro-diaspórica desenvolveu-se como linguagem de denúncia e pertencimento, ao mesmo tempo em que expressava a criatividade e a vitalidade de juventudes invisibilizadas. Mais do que um produto da indústria cultural, o *Hip-Hop* deve ser compreendido como um movimento de base, alicerçado na concretude das experiências cotidianas dos sujeitos periféricos (D'andrea, 2013).

A partir dos anos 1980, o *Hip-Hop* se espalhou horizontalmente pelo território brasileiro, sendo apropriado por juventudes nas grandes cidades, em especial nas favelas e nas periferias urbanas. Nesses contextos, a cultura de rua passou a se manifestar como meio de visibilidade, crítica e transformação social. Entre os *hiphopeiros* e *hiphopeiras*, emergem sujeitos que se reconhecem como parte de uma coletividade cultural e política, capazes de tensionar o espaço urbano e intervir sobre ele.

Passadas mais de cinco décadas desde o surgimento da Cultura Hip-Hop e mais de quarenta anos de sua inserção no Brasil, observa-se que a crescente influência do capital informacional impõe desafios significativos à sua vitalidade. Nesse contexto, há uma tendência à homogeneização das materialidades e das intencionalidades culturais, o que contribui para a desestruturação interna de organizações sociais locais. Tem-se uma dinâmica que ocorre em resposta a demandas externas que desconsideram os vínculos territoriais de origem, reforçando processos de padronização e descaracterização nas metrópoles. Ao mesmo tempo, incorporando solidariedades entre as relações sociais existentes no *espaço banal* (Santos, 1996; 1999; 2000).

Considerando o exposto, procuramos compreender as situações geográficas na periferia urbana São Luís-MA, na face de sua pujante cena cultural ligada ao *Hip-Hop* nacional como instrumento de ação socioespacial (Santos 2007; Dias, 2009; Durans, 2014; Ribeiro 2014; Alves e Santos, 2019; Santos 2021; Moysés, 2023).

A proposta deste estudo se insere nos debates contemporâneos da Geografia Urbana e dos Estudos Culturais Urbanos ao problematizar a cidade como base material do trabalho, da existência e da cultura. Através da análise das práticas culturais do *Hip-Hop*, pretende-se compreender as formas como sujeitos periféricos resistem à fragmentação promovida pelas lógicas do capital informacional (Santos, 1996) e reconstróem suas identidades e lugares de forma organizada.

As práticas espaciais associadas ao *Hip-Hop*, longe de serem meras manifestações artísticas, expressam estratégias de organização social, redes de solidariedade e reapropriação simbólica e material dos territórios. Trata-se de um movimento que tensiona as estruturas urbanas excludentes e que revela, nas palavras de Milton Santos (2000), a atualidade do *período popular da história* como espaço-tempo de invenção e reinvenção da cidade a partir dos *de baixo*.

Este artigo tem como objetivo analisar a Cultura *Hip-Hop* como um fenômeno afro-diaspórico e urbano que opera como forma de resistência e produção de territorialidades periféricas, com ênfase nas experiências culturais desenvolvidas nos bairros João Paulo, em São Luís do Maranhão, a partir das ações do Núcleo de Mulheres Preta Anastácia, ligadas diretamente ao Movimento Organizado Hip-Hop Quilombo Urbano (MH2O MA)¹. Parte-se do pressuposto de que o *Hip-Hop*, ao se articular com diferentes formações socioespaciais, revelam dinâmicas complexas entre cultura, política e cidadania.

A pesquisa foi desenvolvida com base em revisão bibliográfica sobre cultura urbana, espaço banal e contrarracionalidades (Santos, 1996; 2000), associada a trabalhos de campo e entrevistas com agentes culturais em São Luís. O enfoque recai sobre as experiências vividas na região² do João Paulo, cartografado por uma cena cultural intensa, articulada à linguagem do *Hip-Hop* como prática transformadora do território e da afirmação dos sentidos da vida nas periferias.

O artigo está estruturado em quatro seções. Na primeira, apresentam-se os referenciais e os aspectos metodológicos da pesquisa, destacando-se o princípio de método e os procedimentos de obtenção dos dados. Na segunda seção, aborda-se o contexto de formação socioespacial da região periférica do bairro João Paulo. Na terceira, situam-se as ações do Núcleo de Mulheres Pretas Anastácia, enquanto expressão de resistência e produção de territorialidades. Por fim, as considerações finais oferecem uma reflexão crítica acerca dos achados da pesquisa e propõem uma agenda aberta para investigações futuras sobre a problemática estudada.

Usos do território e a evidência de outros mapas na dinâmica da metrópole

A presente pesquisa insere-se no campo da Geografia Urbana, com abordagem qualitativa, fundamentada em uma perspectiva dialógica e interpretativa, que reconhece o território como espaço de disputas simbólicas, materiais e comunicacionais. A partir dos *usos do território* (Santos, 1996; 1999; 2000), o compreendemos como expressão de tensões entre a lógica hegemônica do capital e os usos cotidianos, plurais e insurgentes realizados por sujeitos hegemonzados

A metodologia foi estruturada com base no texto “Outros territórios, outros mapas” da socióloga urbana Ana Clara Torres Ribeiro, que nos permite acessar as formas como os sujeitos vivenciam, narram e significam seu território e suas experiências de vida nas periferias urbanas (Ribeiro, 2005). Essa escolha metodológica possibilitou

¹ Criado em 1989 nas periferias de São Luís (MA), o Quilombo Urbano é um movimento sociocultural e político que já contou com mais de 50 integrantes, e que se define como negro, socialista e revolucionário. Utiliza, especialmente, o RAP como ferramenta política e cultural, por meio de letras, produções fonográficas e eventos de Hip-Hop, especialmente nos bairros João Paulo e Liberdade. Ao longo de mais de três décadas, o grupo busca construir uma identidade étnico-racial mobilizadora e promover uma consciência crítica, articulando lutas econômicas e raciais.

² Desde o início tivemos dificuldades para definir a regionalização/zonamento de São Luís. Encontramos diferentes produções acadêmicas que adotaram distintas metodologias para a definição da divisão do uso e ocupação do solo ludovicense. Dessa forma, não utilizamos o zonamento contida no Plano Diretor de São Luís (2023), disponibilizado pela prefeitura municipal, pois segundo moradores locais, há divergências na forma como os bairros são representados. Logo, optamos pelo uso do termo **região**, pois o mesmo é caracterizado pela população local e de fácil identificação.

captar os aspectos simbólicos produzidos por lideranças, coletivos e movimentos culturais vinculados ao *Hip-Hop*, entendendo tais expressões como práticas territoriais e formas de disputa simbólica sobre o urbano.

Presencia-se um forte tensionamento no *tecido social* (Ribeiro, 2005) e do território diante do avanço da ideologia neoliberal. Ideologia essa que intenta homogeneizar as massas populacionais, ao atingir os aspectos econômicos e culturais das sociedades e a consciência do ser (Dardot & Laval, 2015; Santos, 2000). Mas, esse movimento cria, também, o seu contrário ao provocar a heterogeneidade quando se depara com agentes que se contrapõem à adaptação às imposições das normas e informações hegemônicas.

As ações contrarracionais à lógica hegemônica do capital ocorrem pela cultura³, sobretudo no viés da cultura popular (componente, também, da cultura urbana), por verificar-se muitas vezes um horizonte de possibilidades que apontam para a “qualidade de discurso dos “de baixo”, pondo em relevo o cotidiano dos pobres, das minorias, dos excluídos, por meio da exaltação da vida de todos os dias” (Santos, 2000, p. 144).

Muitos dos agentes “de baixo” se vêm diante da necessidade de criar um movimento que altere a lógica dominante do capital, já que, reiteradamente, se constituem e se reconhecem como sujeitos/indivíduos “esquecidos” e abandonados ao drama da vida cotidiana, uma vez que o crescimento econômico das grandes empresas e não um programa de bem-estar social torna-se a pauta central para as políticas dos Estados (Santos, 2000; Dardot & Laval, 2015). Tudo o que é residual na sociedade servirá de suporte para que os pobres enfrentem a escassez: para que produzam, se organizem e se integrem num território constantemente em transformação.

Compreendemos a ideologia como produção cultural e simbólica - e não como doutrina - expressa nos discursos que revelam os modos de vida, de organização e de resistência frente à homogeneização imposta pela racionalidade neoliberal (Dardot & Laval, 2015). A cultura popular, nesse contexto, é analisada como prática contra-hegemônica (Santos, 2000), constituída por discursos que expressam o cotidiano dos pobres e suas estratégias de sobrevivência e afirmação identitária e territorial.

A pesquisa foi realizada na região do bairro João Paulo em São Luís, território historicamente marcado por resistência negra e forte presença de coletivos culturais. Durante os trabalhos de campo, observamos que o recorte espacial inicialmente definido precisou ser ajustado para incorporar áreas limítrofes que emergiram como fundamentais à compreensão da dinâmica territorial e das práticas culturais investigadas.

A pesquisa combinou diferentes fontes e técnicas: Fontes primárias: Entrevistas informais com lideranças sociais e agentes culturais do *Hip-Hop*; Observações participantes em atividades dos coletivos, com destaque para o acompanhamento das ações do Núcleo de Mulheres Pretas Anastácia, com forte atuação nas áreas estudadas –

³ Utilizamos o termo/noção de cultura conforme Milton Santos (1987, p. 81), que a define como sendo, “uma forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido por intermédio do próprio processo de viver. Incluindo o processo produtivo e as práticas sociais, a cultura é o que nos dá a consciência de pertencer a um grupo, do qual é o cimento”. Contribui também Stuart Hall (2003, p. 44), ao referenciar que “a cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu trabalho produtivo. Depende de um conhecimento da tradição enquanto o mesmo em mutação [...] A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar”.

a escolha do coletivo de mulheres ocorreu devido a sua trajetória na cena e articulação social do Hip-Hop local e na região nordeste do país; Análise de enunciados em redes sociais, principalmente Instagram e WhatsApp, canais que se tornaram centrais durante o período pandêmico. Fontes secundárias: Dados de órgãos oficiais sobre demografia, trabalho, pobreza e indicadores culturais nas regiões estudadas; Pesquisas acadêmicas sobre urbanização, juventude e cultura nas periferias; Registros audiovisuais, publicações e materiais informativos dos próprios movimentos culturais.

A pandemia da COVID-19 impôs obstáculos logísticos importantes. As interações com interlocutores foram inicialmente remotas, via redes sociais e aplicativos de mensagens. As visitas técnicas presenciais foram pontuais, restritas às lideranças, e ocorreram conforme as possibilidades sanitárias e climáticas - como no caso de São Luís, onde o mês de janeiro de 2022 foi marcado por fortes chuvas, o que dificultou os deslocamentos e levou ao cancelamento de diversas entrevistas.

O contexto pandêmico exigiu (re)planejamentos constantes das saídas de campo e da estratégia de contato com os sujeitos da pesquisa. Em São Luís, identificamos a necessidade de reformular o recorte espacial ao constatar que o campo se expandia para além das delimitações iniciais. A dificuldade de acesso a dados detalhados por parte do poder público foi outro desafio enfrentado, sobretudo no que diz respeito à produção cultural periférica. Ainda assim, conseguimos avançar graças à colaboração dos sujeitos locais, que ofereceram materiais, informações e acesso a registros próprios comprometendo-se com a ética, o rigor e o compromisso com os interlocutores.

Para o tratamento dos dados foram utilizadas análises de conteúdos audiovisuais e das narrativas a partir da percepção cotidiana. Assim, os “outros mapas” se constituem nas vivências da vida no tecido social, por meio das práticas e ações do coletivo de mulheres pelas quebradas de São Luís. “Este tecido, submetido a contraditórios impulsos, não substitui a densidade das relações face-a-face, a pedagogia da co-presença e os laços sociais criados por experiências compartilhadas” (Ribeiro, 2005, p. 264).

Direto da Ilha Rebelde: da realidade concreta da região do João Paulo às ações do Núcleo de Mulheres Preta Anastácia

Nosso intuito é reconhecer e apresentar a singularidade que há nesses distintos lugares, tratando de suas configurações territoriais que fazem emergir agentes sociais e econômicos em suas territorialidades, tendo o cotidiano como um artifício na formação dos agentes/sujeitos, ou seja, fonte motora para promover suas ações e práticas sociais que contribuem para a produção do espaço urbano, um espaço banal, cujo uso é de todos os agentes.

São Luís é uma centralidade periférica no Brasil (Lopes, 2018), uma cidade de ocupação histórica colonial acompanhada pela exploração extrativista do território. Segundo o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), São Luís ocupava a 249ª posição entre os 5.565 municípios brasileiros com um de 0,768 (Atlas Brasil, IDHM,

2010). De acordo com o Censo IBGE/2022, a capital maranhense possui 1.061.374 habitantes (94,45% vivendo na área urbana), sendo que a população de jovens e adultos representa 71,12% na estrutura etária. Em 2023, a renda domiciliar per capita média foi de R\$ 1.570 (PNAD Contínua/IBGE, 2023).

No entorno próximo do Centro Histórico de São Luís, encontra-se a região do João Paulo, que corresponde a um conjunto de bairros periféricos da capital ludovicense. Nessas duas regiões há uma centralidade própria de caráter urbano que podemos nos referir como uma centralidade popular, com o predomínio de uma economia terciária, sobretudo inserida no circuito inferior da economia urbana e de tradicionais manifestações culturais maranhenses. É nessa região, onde ocorrem com maior presença as ações do Núcleo Preta Anastácia.

A Região do João Paulo: contradições locais do centro comercial à rua da vala

A região do João Paulo apresenta uma maior complexidade, pois suas características congregam áreas com habitações em favelas, forte atração do mercado imobiliário e a presença de atividades comerciais hegemônicas e não hegemônicas nas intermediações dos principais eixos viários intraurbanos. Em sua dinâmica urbana, há a maior presença do comércio varejista, de feiras de produtos alimentícios e de vestuários. Há áreas cujas populações convivem com a ausência de infraestrutura básica, sobretudo relacionadas às questões sanitária e habitacional. A região do João Paulo é composta pelos bairros: João Paulo, Coroado, Redenção, Filipinho, Jordôa, Barreto, Vila Palmeira, Apeadouro e Bairro de Fátima (Figura 01).

A região do João Paulo, foi delimitada, a partir de diálogos de campo com moradores locais, o que nos permitiu elaborar um mapa observando a espacialidade via Google Maps. Pois, como vimos, o Macrozoneamento em São Luís, especialmente nessa região, porta uma complexidade de relações que se contradiz com o saber local. Outra dificuldade foi estabelecer um número exato do tamanho demográfico, para isso foi realizado buscas em pesquisas acadêmicas, publicações da Secretaria de Planejamento Urbano e no noticiário/grande mídia local. Estima-se, a partir daí um total da população residente na região de 130 mil a 170 mil habitantes.

A região do João Paulo compreende os bairros mais antigos de São Luís, sendo ocupada na 2ª metade do século XIX. Essa região era parte da zona rural da capital ludovicense, composta por um complexo de sítios, chácaras e quintas propícias para serem urbanizadas. Encontra-se no eixo de expansão viária e habitacional ao longo do Caminho Grande, onde se localizam as atuais avenidas Getúlio Vargas e João Pessoa, sentido bairro do Anil.

Figura 01: Região do bairro João Paulo, São Luís-MA, 2022.



Autoria: Moysés, Mauricio, 2022 (adaptação).
Fonte: Trabalho de Campo, 2022.

Fonte: Trabalho de Campo (2022).

Desde a sua formação, a região do João Paulo se formou por núcleos de ocupação proletárias, configurando-se como bairros periféricos operários e marcados, atualmente, por recentes ocupações urbanas organizadas, característico da desigualdade socioespacial em São Luís (Pereira Junior & Petrus, 2015). A partir do governo do presidente Eurico Gaspar Dutra (1946 a 1951), houve um incremento de loteamentos e projetos habitacionais na região, reforçando o seu caráter “popular”. Os principais projetos foram: Fundação da Casa Popular⁴; Vila Nova João Paulo (atual João Paulo); Conjunto Habitacional Radional no eixo de expansão do bairro

⁴ Referente ao nome da entidade criada em 1º de maio de 1946 pelo presidente Dutra. Conforme Nascimento e Santos-Rocha (2022, s/p), “este foi o primeiro Órgão Federal voltado para políticas públicas ao acesso à moradia para indivíduos com menor poder aquisitivo [...] a

Barreto e Núcleo Residencial do Timon-Areial (atual bairro Monte Castelo), no limite com o bairro Apeadouro. De acordo com Curvelo-Matos (2014, p. 281),

Mesmo que as propriedades agrícolas de outrora tenham sido desativadas os núcleos populacionais que já existiam lá permaneceram e foram ampliados adquirindo estrutura de bairro, ou seja, deixaram de ser simplesmente propriedades rurais, agropastoris, sítios ou hortas e obtiveram status de zona urbana não restando quase nenhum resquício das atividades agropecuaristas.

De zona rural à zona urbana, na atualidade a região do João Paulo adquiriu relevância socioeconômica à medida, que melhorias na infraestrutura urbana passou a atender os núcleos residenciais próximos, e às margens das principais avenidas que interligam os bairros. Curvelo-Matos (2014) aponta que por ser uma região de habitações operárias permitiu maiores vantagens urbanísticas diferenciam-se de outras localidades na capital ludovicense, tais como possuir logradouros nomeados, escolas, praças, mercados, igrejas e avenidas para maior circulação de pessoas e produtos.

Outro ponto observado, foi a presença do Poder Público para a prestação de serviços básicos como saúde, educação, transporte e saneamento básico, atraindo investimentos para a construção de moradias e atividades comerciais (Santos Silva, 2017). Há a tradicional feira do João Paulo, “ainda que não se tenha registros que precisem a sua origem, surgiu em virtude da carência de troca e venda dos produtos de necessidades básicas” (Alves et al, 2017, p. s/p). Compreende um importante centro comercial do *circuito inferior da economia urbana* (Santos, 1979), tendo duas partes: uma regularizada pela Prefeitura em um galpão; e outra externa, na rua, em condições insalubres sem atendimento para a infraestrutura local. Conforme constata Alves et al (2017, p. s/p), a “falta de infraestrutura e segurança adequadas [...] comprometem a qualidade de vida desses trabalhadores e dos produtos que são comercializados”, assim sendo, “área para o trabalho evidencia a condição desigual e desumana imposta pela dinâmica do crescimento urbano”.

Entretanto, o interior dos bairros João Paulo, Coroado e Filipinho, que estão mais afastados do eixo da avenida João Pessoa, carecem de infraestrutura sanitária acarretando em dois graves problemas socioambientais, sendo eles: por um lado, a falta de habitações adequadas com infraestrutura sanitária de abastecimento de água e escoamento de esgoto; por outro lado, o impacto do crescimento demográfico e espacial na parte norte-leste da bacia do rio Bacanga (Alves de Macêdo, 2012).

A Prefeitura de São Luís e o governo do estado do Maranhão se omitem, há mais de 50 anos, perante os problemas socioambientais existentes nos bairros mencionados acima, sendo a questão de saúde pública e de direitos humanos os principais conflitos na região estudada. É o caso da Rua da Vala na favela do João Paulo, também conhecida como Rua da Malária, devido a rede canalizada de esgoto a céu aberto em vias públicas (Figura 02).

ideia da criação de uma entidade nacional com o objetivo de produzir moradias sociais partiu do então, na época, deputado Juscelino Kubitschek”.

Da mesma forma, o que ocorre no bairro do Coroado, com todo o esgoto despejado pelas residências, sendo que o escoamento superficial da parte mais alta da região do João Paulo, confluem nesses canais artificiais que se encontram com o rio Bacanga, comprometendo seus mananciais com o despejo e contaminação por resíduos sólidos e líquidos, para além de afetar diretamente a população com a contaminação e transmissão de doenças⁵. Há anos a prefeitura municipal e o governo estadual realizam reparos ineficientes nesses canais que são colapsados com a maior intensidade do volume de água que percorre nos canais, tendo em alguns pontos o alagamento do esgoto.

Figura 02: Favela Rua da Vala no bairro João Paulo, São Luís-MA, 2022.



Fonte: Trabalho de Campo (2022).

⁵ SUACIDADE.COM. Prefeitura de São Luís vistoria obras no canal do Coroado e anuncia projeto de urbanização. SuaCidade.com, 27/01/2012. Disponível em: www.suacidade.com/prefeitura-de-sao-luis-vistoria-obras-no-canal-do-coroado-e-anuncia-projeto-de-urbanizacao

Como forma de tornar visível os problemas ambientais, de saúde pública e dos direitos humanos na Rua da Vala, há ações ligadas à Cultura *Hip-Hop* por parte do Núcleo de Mulheres Pretas Anastácia a partir do MH2O MA. O núcleo promove ações de conscientização com intervenções artísticas e políticas, com suas críticas direcionadas aos instrumentos normativos municipais para a resolução dos problemas urbanos nessa área do bairro João Paulo, sendo o Plano Diretor, o Plano Plurianual, as Diretrizes Orçamentárias e o Orçamento Anual como parte do planejamento urbano e ambiental. Em 06 de novembro de 2017, quatro membros do MH2O MA foram reprimidos e detidos pela polícia militar do Maranhão por realizarem uma manifestação por melhores condições do saneamento básico na região João Paulo.

Para se ter uma ideia, a rede de esgoto da Ilha de São Luís é de 1970, sendo uma responsabilidade da Companhia de Água e Esgoto do Maranhão (CAEMA) e do Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) a realização da distribuição e manutenção da rede. Por meio do Programa de Recuperação Ambiental e Melhoria da Qualidade de Vida da Bacia do Bacanga, o poder público vislumbra reparar os danos causados pela ausência de melhores condições de vida dos moradores do João Paulo, Coroadó e Filipinho, totalizando mais de 15 mil pessoas.

No entanto, não há uma oferta concomitante ao projeto, tal como, a implantação de conjuntos habitacionais com melhores infraestruturas sanitárias. Há uma pressão da sociedade que carece de atendimento por moradia devido ao aumento do valor do solo urbano, que ocupa, cada vez mais, as Área de Preservação Permanente de forma irregular, como é o caso dos bairros Coroadó, Redenção e Filipinho. Além de acelerar o assoreamento do rio Bacanga e ocorrer constantes movimentos de massas (barreiras) em estações com maior volume de chuva.

Vimos que a região do João Paulo compreende o eixo de expansão urbana de São Luís. Durante o século XX as diferentes formas de ocupação das áreas rurais foram instrumentos do planejamento urbano local com o intuito de concentrar a população proletária, ou seja, a população mais pobre da cidade. Com o acelerado processo de urbanização ocorreu uma intensa organização popular pelo direito à habitação via movimento de ocupações urbanas, sobretudo em áreas de mananciais que em decorrência da omissão do poder público local, conivente com sérios problemas urbanos relacionados à infraestrutura sanitária e habitacional.

Na região do João Paulo (assim como em outras quebradas de São Luís), estão os agentes sociais ligados à Cultura *Hip-Hop*. A existência de ações e manifestações do movimento MH2O MA contribuem para evidenciar a pobreza estrutural-urbana nas regiões observadas com intervenções diretas para denunciar e propor alternativas no cotidiano local. A capital ludovicense compreende a periferia do território brasileiro em termos da seletividade das modernizações, e da concentração decisória e do poder de comando na parcela sudeste do país, expondo-se, assim, os vetores políticos da desigualdade territorial.

Por isso, a superação da pobreza, essa disforia no território, é tão manifestada nas quebradas de São Luís, especialmente, na região do João Paulo. O *Hip-Hop*, sendo uma manifestação do fenômeno urbano, é a expressão artístico-político da pobreza estrutural-urbana. É a música produzida pelos pobres, os excluídos, pois ainda é

rejeitado pela sociedade, devido, em suas raízes, abordar criticamente o cotidiano vivido; é comercialmente explorado pelo mercado fonográfico devido à imposição técnico-normativa e ao acesso aos mesmos; e é reprimido pelo conteúdo transmitido.

Núcleo de Mulheres Preta Anastácia: a linha de frente

O Núcleo de Mulheres Preta Anastácia foi criado no ano de 1997 a partir dos encontros e reuniões do Quilombo Urbano na Praça Deodoro. Seu nome é em homenagem a Anastácia, uma mulher escravizada que foi torturada e amordaçada por se negar ter relações sexuais com seu proprietário. O núcleo surgiu com o objetivo de

Coibir práticas machistas dentro do movimento [Hip Hop e do próprio Quilombo Urbano], estas mulheres passam por um processo de constituição da identidade coletiva, a partir da reivindicação feminista, de um posicionamento grupal em relação aos antagonismos e conflitos vivenciados no cotidiano engendrados pelo pertencimento e a compreensão dos processos de opressão que as mulheres sofrem. (Durans, 2014, p. 76)

Enfatizamos a existência do único núcleo dentro do Movimento Organizado de *Hip-Hop* Quilombo Urbano. A razão é atribuída devido a sua forma-conteúdo/estético-político, pois se trata de uma organização formada somente por mulheres do MOh2H MA; está em atividade desde a segunda metade da década de 1990; congrega *RAP*, *break* e *graffiti* (elementos do *Hip-Hop* fundamentais para o movimento em questão); e por possuir uma pauta militante anti-machista e feminista (Figura 03).

Figura 03: Símbolo do Núcleo de Mulheres Preta Anastácia.



Fonte: Quilombo Urbano/Facebook (2023).

Como visto no símbolo e para as integrantes do Núcleo de Mulheres Preta Anastácia, o ato de enaltecer as pessoas de Anastácia significa romper com as lógicas estruturantes da formação territorial brasileira, em que muitas mulheres são silenciadas pelo patriarcado, a misoginia e o machismo cotidiano promovidos pelo capitalismo, sobretudo quando se trata de mulheres pretas. Por meio das manifestações artísticas do *Hip-Hop* (a maioria das integrantes são MCs, algumas b-girls e grafiteiras) e das ações organizadas pelo Quilombo Urbano, o núcleo realiza palestras, rodas de conversa e apresentações artísticas nas quebradas, espaços públicos e espaços institucionais (Figura 04). Conforme narra Durans (2014, p. 79), é “a partir da atuação do [núcleo] que a preocupação com o

machismo passou a ser constante no Quilombo Urbano por todos os seus militantes, tendo como exemplo dessa conquista a proibição de músicas ou falas, em shows e eventos da entidade, que expressassem o machismo”.

Figura 04: Eventos ligados diretamente pelo Núcleo de Mulheres Preta Anastácia.



Fonte: Quilombo Urbano/Facebook (2016; 2018; 2020).

Uma vez que, o número de mulheres no Quilombo Urbano é muito inferior se comparado com os membros homens da organização. Dentre os projetos do Núcleo de Mulheres Preta Anastácia destacam-se o Informativo Anastácias (material de informação ascendente abordando problemáticas como a luta das mulheres, reforma urbana e os eventos propostos pelo Quilombo Urbano); o 1º Encontro Norte-Nordeste de Mulheres do *Hip-Hop* realizado no ano de 2002 que ocorreu no Sindicato dos Bancários de São Luís. O encontro abordou o tema: *Hip-Hop* - alternativa de conscientização e transformação para a mulher da periferia. Tendo, na abertura a presença de partidos políticos, sindicatos, movimento negro e popular; os eventos “Baile das Rosas” e “Rebelar”, somente com mulheres convidadas para se manifestarem artisticamente, ambos no Centro Histórico da capital; e uma série de saraus e atos em combate ao machismo na valorização do Dia Internacional da Mulher e do Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha.

O núcleo Preta Anastácia é coordenado pela repeira Preta Lu, que também integra o grupo Gíria Vermelha, sendo a única mulher desse mesmo grupo. Nas palavras de Preta Lu⁶: “as mulheres quando entram no *Hip-Hop* são escoraçadas. Ela não se difere com o todo da sociedade e acredito que a gente não avançou muito, pois somos

⁶ Diálogo de campo realizado com Preta Lu na Rua da Vala, João Paulo, São Luís-MA, em 12 de janeiro de 2022.

uma quantidade muito pequena em termos de produção, por exemplo. Não dá pra esperar os caras, vai se foder e quem vai produzir essa porra sou eu. Eu mesmo produzo os eventos, junto com o pessoal mais novo que se integrou com a gente. A ideia do núcleo de Mulheres se propõe a realizar ações para ter mais mulheres no movimento e uma fortalecer a outra, sobretudo, na questão racial, mano! A gente sempre tem que chamar a atenção dos membros do movimento [Quilombo Urbano] para ter as mulheres como referência”.

Atualmente o núcleo continua se dedicando às atividades ligadas à mulher, ao feminismo, às palestras e eventos. Durante a pandemia do Coronavírus, ocorreram videoconferências nas redes sociais abordando os temas defendidos pelo núcleo, bem como é mantido um Fórum/Grupo na rede social *Facebook*, da qual são divulgados as ações e levantados debates. O Fórum conta com mais de 60 participantes, dentre mulheres e homens de diferentes idades e localidades do país.

A cidade é um lugar revolucionário (Santos, 1987), lugar de abrigo e morada de diferentes manifestações econômicas, políticas, culturais, artísticas e da própria existência humana. Em sua totalidade luminosa e opaca, há uma contradição litigiosa por se tornar um lugar de disputas e de territorialidades que revelam suas crises, o caos, mas também a sua maneira de comportar agentes (sujeitos individuais e coletivos) que reivindicam a sua função cidadã, sobretudo, aqueles que não se deixam crer serem meros **consumidores mais que perfeitos**, parafraseando Milton Santos em “O espaço do Cidadão”. Portanto, é nessa via que as relações do comum, do comunitário, fazem emergir as organizações conscientes do processo antagônico compartilhado entre a ação racional e contrarracional no mesmo lugar.

O *Hip-Hop* é a expressão de uma juventude que sobrevive em meio ao caos nas ruas e áreas periféricas de São Luís. Muitos jovens são forçados a todo o momento a se adaptarem às políticas de vertente neoliberal que adentram no cotidiano das pessoas por meio da pobreza estrutural urbana. Nessa via, o RAP por meio das Batalhas de MCs, tem uma ferramenta de transformação socioespacial contra a racionalidade dominante por ainda resistir à lógica dominante que estigmatiza o jovem preto, pobre e periférico ao insucesso e à incapacidade de existir.

As rimas de improviso são uma rota de fuga das opressões e contradições das metrópoles, considerando o progresso urbano e a produção de desigualdades. O reflexo é percebido nas ruas e no cotidiano. Rimar, improvisar e expor a arte remete à libertação dos círculos viciosos dos bairros periféricos, tal como a violência policial, a violência das drogas e do crime organizado. Como contatado por Milena Santos (2021, p. 29),

Enquanto ocorre a batalha, as pessoas que estão simplesmente passeando pela praça, as crianças e os jovens que estão brincando, na parada de ônibus, ou andando de skate, se aproximam e começam a discutir: entre uma rima e outra, assuntos inerentes à sociedade, como política, educação, acessibilidade, lazer, oportunidade para a população periférica, etc.

O sentido para a realização das batalhas está na ocupação dos espaços públicos, na troca de experiências e na legitimação da própria existência. O jovem da quebrada deixa de ser invisível, contrapondo-se à lógica imposta pela sociedade capitalista. E aquilo que parecer ser um simples ato artístico dos sujeitos, torna-se um movimento reivindicatório dos seus direitos, diante de suas inquietações na coletividade.

O MH2O MA passou a se aproximar das manifestações com viés artístico nas periferias de São Luís, sobretudo, nas regiões dos bairros João Paulo e Quilombo Liberdade, contribuindo para a organização das Batalhas de MCs, bem como os Slam Poetry (disputas de poesia falada). As ações ocorrem diretamente sob realização do MH2O MA, de suas Posses⁷ ou do Núcleo Preta Anastácia (Figura 05).

Figura 05: Flyers de divulgação das Batalhas de MCs organizadas coletivamente com o Quilombo Urbano.



Fonte: Quilombo Urbano/Facebook (2021; 2022).

Desde de 2018, o Núcleo Preta Anastácia é organizador da Batalha do João Paulo - JP, situada na Praça do Monumento em Homenagem a São Marçal, às margens da avenida São Marçal (principal via de acesso sentido bairro). Os encontros reúnem centenas de pessoas, possibilitando novos fluxos de comunicação e adensando o tecido social. “Essa dinâmica diferenciada dos lugares chama atenção para o que determinamos ser a força de atração e acolhimento que a cultura, simbolicamente, significa nos lugares. É nessa via, também por meio das batalhas, que os espaços são ressignificados” (Santos, 2021, p. 29).

Nas Batalhas de MCs que o Quilombo Urbano está envolvido, na presença do núcleo Preta Anastácia, são realizadas premiações, oficinas e venda de produtos da organização, reforçando a proposta político-artística e autogestora. Conforme Preta Lu⁸: *hoje eu vejo as Batalhas de MCs como uma ressignificação das Posses. Se você reparar elas estão se organizando como as Posses. Nós temos uma presença nas Batalhas do João Paulo e Liberdade, mas sempre a gente tá colando nas outras batalhas: Batalha da Vila Embratel, Batalha Itinerante, tem a Batalha do Maiobão e a gente sempre dá forças um para o outro. O que a gente tenta é trazer esse movimento [batalhas], que está sempre em movimento e promovendo ação, para a leitura de textos, inserindo nas grandes manifestações, pros debates, entendeu? ”.*

Na região do João Paulo, mais especificamente na favela da Rua da Vala, há uma representatividade das ações do Quilombo Urbano. Praticamente por quase toda a existência da organização, essas duas regiões não

⁷ Coletivos de grupos de breakers, grafiteiros, emcees e/ou dessjays que atuam de forma organizada promovendo ações de conscientização a partir dos princípios filosóficos da Cultura Hip-Hop.

⁸ Diálogo de campo realizado com Preta Lu na Rua da Vala, João Paulo, São Luís-MA, em 12 de janeiro de 2022.

deixaram de fazer parte dos projetos em suas múltiplas faces. As questões de raça, classe e gênero se entrecruzam com as pautas do movimento negro, da luta das mulheres, do crime organizado, das antigas gangues de pixadores e até mesmo, no caso da Rua da Vala, no direito ao saneamento básico. Destacamos as atividades do Núcleo de Mulheres Preta Anastácia, na Rua da Vala.

Apreciamos que o Quilombo Urbano expõe como estratégia a política com viés marxista, e como tática, as ações com os elementos da Cultura *Hip-Hop*. Podendo assim, avançar por entre as problemáticas relacionadas à classe, raça e cultura, ou seja, com direcionamentos para os indivíduos e sujeitos das periferias urbanas, sobretudo, os jovens pretos e pretas e o RAP, *graffiti* e *breakin* substanciados no aspecto cultural (Dias, 2009), sendo indissociáveis em seus projetos.

A ação das “Anastácias do Quilombo Urbano”, e suas mobilizações na região do João Paulo, ocorrem principalmente na favela da Rua da Vala, atualmente denominada institucionalmente de rua da Felicidade. Grande parte das mobilizações, como já salientado, são coordenadas pela repeira, Preta Lu, pois ela é moradora da favela há mais de 25 anos e conhece todos os meandros e códigos da Rua da Vala. Além de ser militante do Quilombo Urbano, a artista mantém seu ateliê de costura na própria residência e convive constantemente com os moradores e os problemas locais.

Como vimos anteriormente, a Rua da Vala do João Paulo, carece de inúmeros pontos de infraestrutura sanitária, sendo essa a principal pauta de luta dos moradores, bem como os altos índices de violência. Desde então, o Núcleo Preta Anastácia promove atividades de diálogos, conscientização e autovalorização dos moradores, mas sobretudo, das mulheres da quebrada. Muitas das ações na Rua da Vala são realizadas de forma estratégica, sem muito planejamento, pois a carência grita aos olhos dos moradores.

De acordo com Preta Lu⁹, *as gangues dominam a favela com conflitos muito grandes e posteriormente o tráfico de drogas. Agora está mais pacificado. Antes da pacificação nós fazíamos somente os eventos aqui na rua, pois eu tenho mais um controle e um diálogo respeitoso com o movimento [crime]. Quando os eventos são na praça [Monumento a São Marçal] eu perco o controle, porque lá concentra gente de todos os lados por estar numa via central, de conexão com os bairros.*

Desde então, as iniciativas envolvem o RAP, o *graffiti* e as problemáticas sociais do bairro João Paulo, tais como o machismo, a pobreza e o saneamento básico. O intuito é agregar o maior número de pessoas para a participar dos eventos, mesmo tendo ciência de que seja um espaço efêmero. Mesmo com as dificuldades que é organizar um evento, é um produto da criatividade que vem da organização do Núcleo de Mulheres na favela.

⁹ Diálogo de campo realizado com Preta Lu na Rua da Vala, João Paulo, São Luís-MA, em 12 de janeiro de 2022.

Um exemplo das ações, foi a realização em 2020 do Dia Internacional da Mulher, sendo o “8 de março na Quebrada: não à violência contra a Mulher! Contra a retirada de direitos de Bolsonaro e Damares”; e contou com rodas de conversa, apresentações artísticas e grafiteagem (Figura 06).

Figura 06: Intervenção de graffiti na Rua da Vala do João Paulo somente com Mulheres.



Fonte: Quilombo Urbano/Facebook (2020).

As mulheres se colocam à frente do movimento para apresentar seus questionamentos. Como afirma Preta Lu, *se deixar só os caras do movimento querem ficar à frente dos palcos*¹⁰. Eis mais um motivo para se fortalecerem e transformarem a quebrada com a sensibilidade que há no acolhimento e na empatia de saber ouvir a necessidade convvida na Rua da Vala. Tem-se uma integração com a população, a partir do *Hip-Hop* e da política, como forma de reafirmar a cidadania à existência.

Observamos que as ações do Núcleo de Mulheres Preta Anastácia estão alicerçadas na interseccionalidade: raça, classe e gênero. A preocupação, a empatia e a visão crítica possibilitam multiplicar experiências e vivências

¹⁰ Diálogo de campo realizado com Preta Lu na Rua da Vala, João Paulo, São Luís-MA, em 12 de janeiro de 2022.

com indivíduos e sujeitos de diferentes gerações nas quebradas de São Luís. O MH2O MA possui um projeto de nação alinhado ao movimento negro e grupos partidários com teorias marxistas. Para o movimento, o *Hip-Hop* é uma ferramenta de transformação social que intermedia na esfera pública as políticas sociais institucionais e as políticas cotidianas, banais tendo o Estado capitalista como um agente a ser confrontado. Tem-se, assim, um afrontamento político-artístico organizado.

A metrópole ludovisense (assim como em outras localidades da realidade brasileira) é a concretude de materialidades e sociabilidades, resguarda em diferentes representações dos modos de expressão da realidade. Nos permitindo afirmar que há uma temporalidade do agir na sociedade e nas dimensões espaciais. O período técnico-científico-informacional, sendo ele próprio a globalização, impõe às diferentes formas de agir nas temporalidades (Santos, 1994; 1996). O tempo das grandes empresas difere-se do tempo do cidadão comum com sua rotina diária, inserido no mercado de trabalho. O agir global e local incidem sobre a metrópole, onde se exige velocidade, mas que coexiste com a lentidão dos objetos e das ações de cada grupo, agente e sujeitos.

Em conformidade com Santos (1994, p. 79), a

Cidade [enquanto, Metrópole] é o lugar em que o Mundo se move mais; e os homens também. A co-presença ensina aos homens a diferença. Por isso a cidade é o lugar da educação e da reeducação. Quanto maior a cidade, mais numeroso e significativo o movimento, mais vasta e densa a co-presença e também maiores as lições e o aprendizado.

A segregação que há nas metrópoles na existência dos *espaços luminosos* e dos *espaços opacos*, segue uma mecânica repetitiva dos planejadores e planos urbanos. Nos *espaços luminosos*, o ímpeto da velocidade globalizante é perverso, estimulado pela competitividade e imagens fantasiosas (fabulações da vida). Nos *espaços opacos*, a intensidade da lentidão local se dá pela coexistência, sendo nutrida pela solidariedade e a realidade em si (nua e crua). E dessa lentidão que os agentes comuns, sobretudo os pobres, adquirem sua força (Santos, 1994). Como podemos perceber na fala [repleta de razão e emoção] da nossa interlocutora¹¹: *É fundamental o lugar onde a gente vive, eu praticamente nasci aqui, eu conheci o Hip-Hop aqui, e aqui há uma questão muito forte que é a presença do CCN. Então, eu fui criada na batucada, mas foi a partir do Hip-Hop que eu me reconheci como preta. Aqui na Rua da Vala, que na verdade é chamado de Rua da Malária, mas é a favela do João Paulo. É uma favela que está no principal centro comercial de São Luís. Olha pra cá [cerca Iraque no muro de um convento], isso é uma divisão física, e eu aprendi muita coisa com isso, pois é uma divisão física. O meu pai foi marceneiro aí [convento]. Sabe aquela música: Tá vendo aquele edifício moço? Ajudei a levantar Foi um tempo de aflição Eram quatro condução Duas pra ir, duas pra voltar¹². Eu vejo o meu pai nessa música. Então eu sinto na pele, talvez se eu não estivesse aqui, talvez eu não teria me jogado tanto no mundo. Quando eu era criança eu tinha que passar por dois colégios privados para ir à escola e os moleques me xingavam, pois sabiam que eu era da Rua da Vala. E isso me*

¹¹ Diálogo de campo realizado com Preta Lu na Rua da Vala, João Paulo, São Luís-MA, em 12 de janeiro de 2022.

¹² Zé Geraldo. Cidadão. Zé Geraldo. Sony Music Entertainment (Brasil), 1979.

provoca. Mesmo com essa questão que tentam me definir, eu cheguei na Universidade. O meu cotidiano aqui é tráfico, droga, violência, solidariedade, é o alagamento quando chove que faz parte do que eu sou.

O “tempo lento”, o “homem lento”, o “homem comum” (Santos, 1994) também são categorias analíticas que apontam para um novo período, para novas ações estratégicas, para a formação de sujeitos que rompem com as fabulações (sem deslumbre de *likes*, falsos elogios e consumos sem direitos). Nas metrópoles, a

Estrutura dessa população de “homens comuns” favorece o processo. A chegada incessante de migrantes à cidade aumenta a variedade dos sujeitos... dos **sujeitos comuns** e das interpretações mais próximas do real [...] A temporalidade introjetada que acompanha o migrante contrapõe-se à temporalidade que, no lugar novo, quer abrigar-se no sujeito. Instala-se assim um choque de orientações, obrigando a uma nova busca de interpretações. (Santos, 1994, p. 81, grifo nosso)

Evidencia-se na ação do Núcleo de Mulheres Preta Anastácia a existência da “insurgência contra o modo de vida proposto pela gestão neoliberal da cidade e a recusa da exclusão associada à produção da cidade para o mercado”. A insurgência, que tanto pode ser explosiva, quanto surda e cotidiana (Ribeiro, 2006, p. 29), com caráter político-cultural, não se limita aos formalismos normativos e abrange nos sujeitos comuns a *corporificação de direitos*. Segundo Ribeiro (2006, p. 30), a *corporificação de direitos* encontra-se no “anseio por dignidade, justiça e esperança, que transcende a esfera institucionalizada da vida urbana e, em consequência, as arenas políticas já configuradas. É a legitimidade deste anseio que transparece na dura cobrança feita a governos e governantes, quando se distanciam de suas origens sociais ou traem compromissos”.

A amplitude das discussões, a tomada de consciência, prevê a formação de um sujeito, individual ou coletivo corporificado, “sujeito de direito – previsto e garantido em lei – mas materializado em sangue, carne e cultura, superação tanto do idealismo quanto do materialismo objetivante” (Ribeiro, 2000, p. 83). A origem do sujeito e/ou coletivos corporificados deriva-se de diferentes temporalidades a curta, média e longa duração, ou seja, em diferentes escalas de atuação. Constituem-se no tempo lento - tempos das ações não-hegemônicas; em contrapartida ao tempo rápido - tempos das ações hegemônicas e hegemônicas (Santos, 1994).

Conforme Santos (1994, p. 42), em sua permanente dialética, “há o conflito dos tempos dos atores hegemônicos e dos atores não-hegemônicos ou hegemônicos. É assim que se definem, a partir do uso do espaço e do tempo, os cotidianos tão diversos...”. Nessa situação, o tempo lento é o tempo da ação e do lugar as mulheres pretas e periféricas na linha de frente.

Considerações finais

Concluindo, os resultados indicam que a Cultura Hip-Hop como um fenômeno afro-diaspórico e urbano opera como forma de resistência e produção de territorialidades periféricas na forma-conteúdo das contrarrazões urbanas. As experiências do Núcleo de Mulheres Preta Anastácia articuladas nos bairros da região do João Paulo, na periferia de São Luís do Maranhão revelam as dinâmicas complexas entre cultura, política e cidadania na produção do espaço banal.

A pesquisa revela um processo de transição histórica do Hip-Hop nos territórios urbanos, marcado por temporalidades e configurações específicas. Esse processo se expressa em discursos, ações e projetos permeados por tensões, disputas e reinvenções. Os vínculos geográficos contidos por esses sujeitos coletivos são expressos em discursos inacabados, abertos à continuidade, que revelam e tencionam as múltiplas formas de exclusão e resistência no espaço urbano.

As ideologias emergem no seio caótico e conflitante da metrópole, como formações sociais, intelectuais e simbólicas que atravessam - e muitas vezes contestam - as estruturas hegemônicas de poder. O coletivo de mulheres investigadas expressa uma inventividade e um desejo de mudança profundamente enraizados nas contradições do urbano, atravessadas pela interseccionalidade de raça, gênero e classe na capital ludovicense. Nesse contexto, torna-se fundamental distinguir a Cultura *Hip-Hop* como expressão artística e o Movimento Cultural *Hip-Hop* como projeto político e socioterritorial, oferecendo alternativas concretas de transformação e reorganização do espaço vivido.

A partir da análise, evidenciamos, nos territórios do Movimento Organizado Quilombo Urbano a partir do Núcleo de Mulheres Preta Anastácia, a densidade social e comunicacional das práticas culturais. Os diálogos com os interlocutores, as entrevistas, os materiais de divulgação, os produtos audiovisuais e os registros imagéticos nos permitiram acessar sentidos e significados atribuídos por essas lideranças à sua atuação nos territórios, compreendendo-os como sujeitos em processo de formação e agentes ativos na produção de novas territorialidades.

As condições geográficas da região do João Paulo, em São Luís, expressam de forma relevante aspectos estruturais da formação socioespacial brasileira, tal como, o adensamento populacional, o perfil da população economicamente ativa, o descaso histórico com políticas públicas de educação e emprego, e o aprofundamento da pobreza urbana estruturam um cenário de desigualdade, mas também de potência como superação da escassez.

Nesse contexto, as ações político-culturais do *Hip-Hop* se firmam como contrarracionalidades, nutridas pela experiência cotidiana, que podem ser compreendidas como formas de resistência e reinvenção da vida na cidade. Elas nos provocam a repensar as pedagogias do urbano e os projetos de cidade que queremos construir, a partir dos saberes autênticos nas periferias.

Referências

ALVES DE MACÊDO, Lúcio Antônio. Metropolização na Ilha de São Luís e seus impactos sanitários e ambientais. **Revista de Políticas Públicas**, São Luís, UFMA, out. 2012.

ALVES, Cristiano. Nunes.; SANTOS, Milena Boaes dos. Dinâmicas socioterritoriais e circuitos culturais em São Luís - MA: as batalhas do rap ludovicense. **Revista Equador**, v. 8, p. 315-331, 2019.

ALVES, Jainara Araujo *et al.* O trabalho informal na feira do João Paulo (São Luís – MA) como expressão da questão social. In: **VIII Jornada Internacional De Políticas Públicas**, 2017, São Luís. Anais [...]. São Luís: UFMA, 2017.

ATLAS BRASIL. **IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal**. Brasília: PNUD/Ipea/FJP, 2010.

CURVELO-MATOS, Heloísa Reis. **Análise toponímica de 81 nomes de bairros de São Luís/MA**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

D'ANDREA, Tiaraju. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2015.

DIAS, Hertz da Conceição. **A posse da liberdade: a integração neoliberal e a ruptura político-pedagógica do Hip Hop em São Luís, a partir dos anos 1990**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2009.

DURANS, Claudimar Alves. **As Anastácias do Quilombo: uma análise da participação e representação da mulher no hip-hop maranhense**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Maranhão, Instituto de História Social, São Luís, 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização: Liv Sovik; tradução: Adelaide La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua: 2023**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

LOPES, Francisco Clébio Rodrigues. Metamorfoses no espaço metropolitano de São Luís (MA). **GeoTextos**, Salvador, v. 14, n. 1, p. 83-102, jul. 2018.

MOYSÉS, Mauricio. **Espaço banal e essência cotidiana: ações contrarracionais do RAP pela superação da pobreza estrutural-urbana em São Paulo-SP e São Luís-MA**. 2023. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.

NASCIMENTO, Lúcia Moreiro do; ROCHA, Filipe Santos. Análise da funcionalidade, tipologia e topologia dos projetos arquitetônicos dos conjuntos habitacionais populares do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) na cidade de São Luís no Maranhão. In: **Seminário Docomomo Norte E Nordeste**, 9., 2022, São Luís. Anais [...]. São Luís: UFMA, 2022.

PEREIRA JUNIOR, Magno Vasconcelos; PETRUS, Júlia Kátia Borgneth. A desigualdade socioespacial de São Luís (MA) demarcada pelos seus bairros. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 170-189, ago. 2015.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. A cidade neoliberal: crise societária e caminhos da ação. **OSAL: Observatorio Social de América Latina**, Buenos Aires, Año VII, n. 21, sep.-dic. 2006.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Outros territórios, outros mapas. **OSAL: Observatorio Social de América Latina**, Buenos Aires, Año VI, n. 16, jun. 2005.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Sujeito corporificado e bioética: caminhos da democracia. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 5-11, jan./abr. 2000.

RIBEIRO, Antonio Ailton Penha. **Rimando identidades: raça, classe e periferia no rap maranhense**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Maranhão, Instituto de História, São Luís, 2014.

SANTOS SILVA, Guilherme Müller. **Planejamento estratégico: uma análise dos empreendedores com mais de uma década de atuação no bairro João Paulo, São Luís – MA**. 2017. Monografia (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

SANTOS, Milena Boaes dos. **Circuitos culturais e novas tecnologias da informação: análise da topologia/tipologia das redes de cooperação da cultura Hip Hop na região de São Luís**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2021.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**. São Paulo: Edusp, 2002 [1979].

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Edusp, 2012 [1987].

SANTOS, Milton. O território e o saber local: algumas categorias de análise. **Cadernos IPPUR**, Rio de Janeiro, v. XIII, n. 2, 1999.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo**. São Paulo: Edusp, 2008 [1994].

SANTOS, Rosenverck Estrela. **Hip hop e educação popular em São Luís: uma análise da organização “Quilombo Urbano”**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2007.